

A ECONOMIA NACIONAL NO PENSAMENTO LIBERTÁRIO DE ISAAC PUENTE

Davi Luiz Paulino *

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo abordar como Isaac Puente (1896-1936) entende a economia nacional da Espanha por meio de uma base comunista libertária. O autor problematizou a referida questão nos anos de 1930, período importante para o movimento libertário espanhol, pois foi a década de uma série de insurreições na qual a Revolução de 1936 ocupou um papel central, sendo uma experiência que transformou radicalmente as estruturas socioeconômicas do país. Partindo desse contexto, buscaremos compreender a reflexão de Puente, apontando que dentro do anarquismo, a economia ocupava um espaço de importância na teoria libertária, não somente como elemento de crítica da ordem vigente, mas também de aporte construtivo de uma nova forma de sociabilidade sobre outras bases. Portanto nossa análise se enquadra na perspectiva da História do Pensamento Econômico, bem como na História do Trabalho.

Palavras-chave: Espanha, Movimento Libertário, Anarquismo, Economia autogestionária e Trabalhadores.

Isaac Puente (1896-1936) foi um médico e militante anarquista espanhol, nascido Vizcaya. Filho de pai *carlista*¹ recebeu formação nos Jesuítas de Orduña e posteriormente estudou medicina em Valladolid e em Santiago de Compostela. No entanto, mesmo com sua formação conservadora, principalmente a jesuítica, ele voltou sua preocupação para os menos favorecidos o que o levou às fileiras anarquistas. De acordo com pesquisadores, não se sabe ao certo o momento exato de sua passagem ao anarquismo, mas é perceptível sua clara militância desde meados de 1926 na *Confederación Nacional del Trabajo*² (ÍÑIGUEZ, 2008: 1387).

Como militante cenetista, Puente foi responsável junto com Augusto Alcrudo a propor a constituição da Federação Nacional Sanitária que seria responsável por atuar na questão do tema da saúde, seja em relação aos trabalhadores desse ramo, bem como no conjunto da classe trabalhadora, proposta aprovada no Congresso de 1931. Outro ponto importante, e que é o foco desse trabalho, é sua nomeação pelo Pleno Peninsular da

* Mestrando em História Econômica pela FFLCH-USP e membro da Biblioteca Terra Livre.

¹ Carlismo foi um movimento tradicionalista espanhol de matriz antiliberal que pretendia um retorno ao Antigo Regime.

² Central sindical fundada em 1910 numa perspectiva sindicalista revolucionária, mas que na época de Puente já havia adotado a perspectiva anarcossindicalista.

FAI³ para redigir ditames acerca da concepção de Comunismo Libertário (ÍÑIGUEZ, 2008:1387). Segundo o historiador Frank Mintz, a CNT desde seu Congresso de 1919 já adotava como finalidade da atuação cenetista a construção do comunismo libertário (MINTZ, 2004: 323).

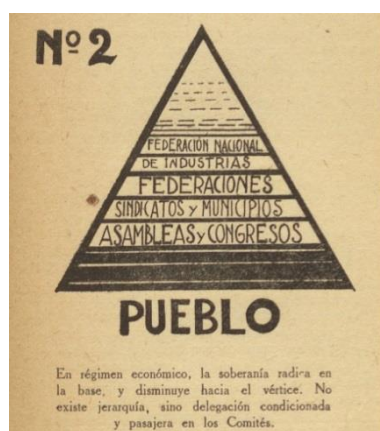
Puente então redige um livreto intitulado *El comunismo libertário. Sus posibilidades de realización en España*⁴ no qual ele esboça os princípios econômicos da organização futura da sociedade. Ele entende o comunismo libertário como uma reorganização social sem a propriedade privada e sem o Estado, em que a vida econômica é gerida através do município livre e pelo sindicato (PUENTE, 1932: 9). O sindicato se torna o elemento que gere a produção industrial de determinado município, no entanto, Puente tem a preocupação de que a administração sindical não fundamente a criação de uma casta burocrática que poderia retirar a autonomia da base, para combater a burocratização cada produtor tem acesso a um carnê no qual é possível ter acesso aos meios de subsistência, bem como a participação nas assembleias, nas reuniões dos comitês de fábricas, no sindicato e na federação local, assim a autonomia dos produtores continua preservada. Nessa concepção, o federalismo é um elemento importante por preservar a autonomia das localidades ao mesmo tempo em que integra os diversos municípios na federação e, posteriormente na confederação, esse modo de compreensão do autor se assemelha a concepção federalista proudhouniana na qual,

[...] o federalismo é um modo de organização no qual cada instância constitutiva do organograma é autônoma no que diz respeito às questões que a concernem diretamente, e que delega por intermédio de um ou vários representantes designados, uma parcela de sua soberania nas instâncias superiores do organograma para as questões que ultrapassam seu próprio campo de intervenção. (BERTHIER, 2016: 31)

Portanto a perspectiva de gestão do município gira em torno de sua própria particularidade e das questões que concernem seu consumo e partir do sindicato local, sua produção. Ambos são responsáveis, também, por contribuir na administração e regulação da economia nacional, isso porque há uma estrutura que conecta a base (assembleias, congressos, município livre e sindicato local) às demais instâncias regionais e nacionais, possibilitando, dessa forma, planificar a economia levando em consideração o eixo produtivo de cada localidade. Puente salienta que para essa dinâmica funcionar organicamente é indispensável tanto o trabalho de colaboradores qualificados quanto dos semiquualificados e não qualificados. (PUENTE, 1932: 16).

³ Federação Anarquista Ibérica fundada em 1927 com intuito de trabalhar dentro da CNT propondo disseminar e manter o ideal libertário na referida central sindical, basicamente todos os membros da FAI eram sindicalizados na CNT.

⁴ Esse texto teve diversas reedições nos anos 1930, em 1933 ele será publicado como *La sociedad del porvenir. El comunismo anárquico* e no ano de 1936 como *Finalidad de la CNT. El comunismo libertário*.



Fonte: PUENTE, 1932: 25

Puente esboça dessa forma a estrutura organizacional da sociedade em uma perspectiva libertária no qual a base ocupa o papel central na reorganização, como podemos perceber na figura acima, no qual as assembleias e congressos ocupam ponto central para gestão da produção, pois é a partir da base que se estabelecem as necessidades e o que deve ser produzido pelas instâncias acima. Para o autor, esse modelo necessita de um planejamento industrial, na medida em que a partir dele é possível compreender a estrutura econômica espanhola no regime capitalista e como ela será transformada posteriormente, sob o controle das organizações da classe trabalhadora.

No intuito de entender a dinâmica econômica do país, seu estudo se amparará na análise estatística⁵ para demonstrar que as,

Estatísticas atuais de importação e exportação não são aplicáveis no todo amanhã, já que seus números não apreciam o que precisa ser importado ou exportado, mas o que é comercialmente conveniente para exportar ou importar, o que nem sempre é o mesmo. Então, por exemplo, o carvão pode ser produzido suficientemente em nossa nação para atender a todas as necessidades do consumidor e indústria; mas se hoje não ocorre assim é porque o carvão inglês compete nos preços com o nacional. (PUENTE, 1932: 28. Tradução nossa)

Portanto, o autor entende que, na configuração econômica atual, o que determina as importações e exportações é o quanto se consegue lucrar. Segundo Puente, essa perspectiva não é possível no “amanhã”⁶, ou seja, na sociedade futura o que pautará esse intercâmbio (importação/exportação) é a questão do que é necessário para o país. Outro ponto importante ressaltado é que, a produção carvoeira é suficiente para o funcionamento das indústrias da Espanha. No entanto, como o preço é regulado pelo mercado internacional – no qual o produto espanhol compete com o inglês – o carvão pode perder espaço e para manter seus valores elevados, a oferta do produto é reduzida quando comparada a demanda. Como consequência desse processo, ocorre a carestia do produto, o que nos leva a argumentar que, em uma sociedade comunista libertária o

⁵ Puente se utiliza da estatística, mas não cita as fontes utilizadas nem quais dados, no entanto em outras passagens do texto ele expõe alguns dados no qual credita à G. Mallada, nossa hipótese é que os dados de importação e exportação possam ter origem, também, nesse autor.

⁶ Isaac Puente usa o termo *amanhã* para se referir à sociedade pós-revolucionária.

próprio mercado é reestruturado. Sendo assim, sua lógica se volta à perspectiva do abastecimento do que restritamente ao lucro.

Esse processo de reestruturação socioeconômico do país é acompanhado por um otimismo, por parte do autor, em sua capacidade produtiva, segundo Puente,

[...] mais do que a produção atual, o que nos torna otimistas é levar em conta as possibilidades de produção disponíveis para a Espanha, que pode ser considerada como um país a colonizar, como um país que ainda não mobilizou um décimo de sua riqueza. (PUENTE, 1932: 29. Tradução nossa)

O apontamento de Isaac Puente em relação a não exploração da capacidade produtiva do país permite compreender o porquê do atraso econômico espanhol. De acordo com o historiador Romero Salvadó, a Espanha durante a transição do feudalismo ao capitalismo não modernizou as relações de trabalho no campo, mantendo-o praticamente arcaico com técnicas de exploração semelhante às da Idade Média. Esse desenvolvimento desigual da economia expõe uma estrutural de longa duração⁷ que assinalou a diferença entre o Norte e sul, ou seja, a cidade e o campo (SALVADÓ, 2007: 29)

Com intuito de modificar as relações sociais, principalmente no campo, a perspectiva comunista libertária de Puente busca inserir o conjunto da classe trabalhadora na esfera da produção. Pois o autor entende que na estrutura capitalista o desemprego é engrenagem fundamental na manutenção de salários baixos e de outras formas de exploração através do mecanismo do *exército industrial de reserva* no qual uma parcela relativa da classe trabalhadora – geralmente a menos qualificada – permanece fora do circuito produtivo, deixando aos industriais uma manobra que permite punir movimentos grevistas com demissões e contratar trabalhadores que estavam desempregados por salários ainda menores, aumentando, dessa maneira, seu lucro. Era muito comum, também, recorrer à contratação de mão-de-obra de outros distritos⁸, geralmente rurais, no qual trabalhadores viviam em condições ainda mais desumanas, sendo contratados para cumprir jornadas de trabalho degradantes que,

[...] podiam chegar a doze horas, e remuneradas, em 1930, a duas pesetas. Durante o primeiro período republicano (1931-1933) o salário subiu cinco pesetas, mas baixou durante o segundo período (1933-1935) de nove a três pesetas ao dia. (PAZ, 2015: 37)

Amparando-se na perspectiva de romper com essa lógica de exploração, o comunismo libertário propõe incorporar a massa de trabalhadores na produção incentivando a inserção do maior

⁷ Utilizamos-nos do conceito braudeliano de longa duração.

⁸ Com intuito de acabar com essa prática, o governo republicano, em 1932, promulgou o Decreto de Fronteiras Municipais no qual proibia que empregadores contratassem mão-de-obra até que todos os trabalhadores do município estivessem empregados, no entanto, não havia uma fiscalização eficaz que acabava favorecendo os empregadores em burlar o decreto.

número possível de trabalhadores, possibilitando, dessa maneira, reduzir a jornada de trabalho em pelo menos metade da carga horária exposta por Abel Paz.

Outra contribuição que pode ser obtida através da produção a partir da concepção comunista libertária seria direcionar os novos trabalhadores para outros postos de trabalho que contribuiriam com o desenvolvimento do país e abriria novas perspectivas de produção em indústrias que decretaram falência, por exemplo.

Em linhas gerais a organização industrial desenvolvida contribuiria para,

Aumentar a jornada de produção em um determinado setor. Graças à organização do trabalho em série, é fácil improvisar pessoal, para aumentar o desempenho no mesmo dia ou para dobrar o desempenho, dobrando o dia de produção (sem aumentar o número de máquinas), alternando dois turnos de trabalhadores, composto por uma metade de trabalhadores qualificados e meio aprendizes, e outro com a outra metade de trabalhadores sem qualificação e o mesmo número de aprendizes. (PUENTE, 1932: 31. Tradução nossa)

Como podemos perceber, a perspectiva libertária busca o aumento produtivo ao mesmo tempo em que insere o maior número de trabalhadores nas atividades industriais, mesclando trabalhadores qualificados e sem qualificações, no qual, aparentemente, não há diferenciação salarial.

Essa dinâmica proposta ao plano industrial também é perceptível no campo, Puente sinaliza questões importantes para o desenvolvimento do trabalho, como a produção de algodão nas regiões do Levante e Andaluzia que, segundo ele, poderia ser intensificada para produzir em escala nacional com a chegada de novos trabalhadores. Outro ponto levantado pelo autor é como a exploração da terra deve ser pautada não no uso desenfreado dos recursos naturais, mas sim em uma perspectiva de preocupação ambiental, no caso da indústria madeireira sua produção pode ser “aumentada desde que se cuide de reflorestar para prevenir a escassez” (PUENTE, 1932: 28. Tradução nossa).

Segundo Puente, cerca de 40% das terras espanholas encontrava-se em condição mediana de uso, principalmente por atraso técnico, um exemplo desse atraso pode ser constatado no sistema de irrigação que era muito precário e em alguns latifúndios esse sistema nem ao menos existia, isso porque muitos proprietários mantinham a terra apenas como forma de prestígio social⁹, não necessitando, desse modo, explorá-la economicamente. Podemos afirmar que em muitos lugares do país as estruturas eram essencialmente arcaicas, Abel Paz afirma que,

No nível econômico, a sociedade espanhola de 1936 contava com uma estrutura agrícola pouco evoluída, tendo em vista que ela encontrava-se (nas zonas com predominância latifundiária) praticamente nas mesmas condições que na época de sua formação, na baixa Idade Média. Podemos inclusive afirmar que, no plano da técnica da exploração agrícola, ela havia regredido, em alguns casos, à época romana. (PAZ, 2015: 36)

⁹ Característica marcante no *caciquismo*, versão semelhante ao coronelismo no Brasil.

Então compreendemos que essa estrutura deveria ser profundamente modificada pela classe trabalhadora e seus organismos de gestão, de modo que desenvolvesse técnicas modernas de manuseio do solo para que se pudesse extrair a máxima capacidade produtiva. Para isso era necessária uma nova organização produtiva, de modo que, o campo pudesse acompanhar o desenvolvimento urbano com suas indústrias modernas que se assemelhavam com as de demais países europeus.

A partir da reorganização da produção, Isaac Puente estrutura uma perspectiva nacional da economia espanhola constituindo-se mediante a federalização das múltiplas localidades, os chamados municípios livres. Em uma tentativa de relacionar a produção da cidade com o campo a federação dos municípios se conecta com as federações locais das cidades seguindo em direção a uma união em torno da Federação de Indústria Nacional.

Cada localidade é responsável por gerir sua produção e abastecimento ao mesmo tempo em que tem sua contribuição para a administração das questões nacionais, como as ferrovias, linhas de comunicação e etc. Portanto, é interessante notar que mesmo com a gestão local da produção, a região esta conectada com as questões nacionais. Nesse ponto o federalismo contribui para que as diversas localidades não se isolem e continuem integradas no plano nacional.

No plano nacional a Federação de Indústria precisa ter consciência da dimensão da territorialidade produtiva da Espanha, para que isso seja possível é necessário ter ciência das condições naturais do país. Por exemplo, qual região é mais propensa à cultura intensiva, qual a mais favorável para à extração mineral ou quais cidades são mais desenvolvidas industrialmente.



Fonte: PUENTE, 1932: 45

A partir do estudo da estrutura do país, a Federação de Indústria se torna responsável pela estruturação dos serviços que passaram pelo processo de coletivização e que necessariamente dependem de uma reorganização em escala nacional. Ao mesmo tempo, também, podemos

compreender a real capacidade produtiva de cada localidade e as necessidades de seus membros, facilitando o próprio abastecimento do país. (PUENTE, 1932: 42)

Isaac Puente no intuito de compreender a multiplicidade das regiões produtivas da Espanha, não se restringe somente a esboçar cartograficamente a espacialidade agrário-industrial, mas se preocupa em esmiuçá-la através do que ele definiu como *Guia de Producción por Regionales Confederales*. Nesse guia ele aborda todos os elementos economicamente produtivos do país, região por região. Na Andaluzia, por exemplo, ele mostra que o algodão é produzido em Sevilha, a indústria siderúrgica concentra-se em Sevilha e Cádiz e a Mineração nas cidades de Almadén, Belmez e Ríotinto. Isso nos mostra que sua concepção de comunismo libertário tem a necessidade de compreender com exatidão a dinâmica estrutural da economia para que seja possível transformá-la radicalmente em novas bases.

Puente esboça um modelo de gestão comunista libertária que dialoga com concepções que perpassam a trajetória do movimento anarquista/socialista, tanto como elemento de crítica a estrutura do capital quanto na reorganização socioeconômica através de bases autogestionárias com instrumentos que já estão presentes na atuação da classe trabalhadora espanhola como, por exemplo, o sindicato. No entanto, uma das questões mais importantes em seu estudo foi propor uma teoria capaz de compreender uma sociedade complexa como a espanhola que, em nossa opinião, foi um de seus maiores méritos.

FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fontes:

PUENTE, Isaac. **El comunismo libertário: sus posibilidades de realización en España**. Valência: Biblioteca de Estudios, 1932.

Livros:

BERTHIER, René. **Do Federalismo**. São Paulo: Intermezzo, 2016.

BRAUDEL, Fernand. **Escritos sobre a História**. São Paulo: Perspectiva, 2014.

IÑIGUEZ, Miguel. **Enciclopédia histórica del anarquismo español, 3 vols**. Victória: Asociación Isaac Puente, 2008.

MINTZ, Frank. “Reflexões sobre a formação do conceito de ‘comunismo libertário’ nos anos 1930 na Espanha” In COLOMBO, Eduardo (org.). **História do movimento operário revolucionário**. São Paulo: Imaginário, 2004, pp. 323-334.

PAZ, Abel. “Prelúdios à Revolução”. In: Itinéraire. **Durruti: da revolta à revolução**. São Paulo: Intermezzo, 2015, pp. 35-43.

SALVADÓ, Francisco J. Romero. **A Guerra Civil Espanhola**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.